

## A FRAGMENTAÇÃO DO EU E A CONSTRUÇÃO DE NOVAS IDENTIDADES EM CONTOS DE JHUMPA LAHIRI

Fábio da Silva Custódio (UNIABEU)

### RESUMO

Este artigo visa à análise dos contos *Hell-Heavenö*, *Sra. Senö* e *Terra descansadaö*, de Jhumpa Lahiri, a fim de compreender como o processo de fragmentação e construção de novas identidades dos imigrantes indianos é representado. A questão da configuração identitária será analisada à luz dos Estudos Culturais, em especial, dos textos de Stuart Hall.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade; Tradição; Tradução; imigração.

A identidade não poderia ter outra forma que a narrativa, pois definir-se é, em última análise, narrar.

Paul Ricoeur

### INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, a experiência da migração tem feito parte da história pessoal de muitos escritores, que, quer como imigrantes de primeira geração, quer como descendentes, acabam por transpor para a literatura algo de sua experiência pessoal. Desse inventário de experiências, fazem parte os conflitos identitários inerentes aos indivíduos submetidos ao trânsito entre culturas, bem como o surgimento de identidades híbridas.

Todas as identidades estão localizadas em espaços e tempos simbólicos. O sentido de pertencimento, isto é, o vínculo que o sujeito estabelece com o seu *lugar antropológico*, definido por Marc Augé (1994, p.31) como relacional, identitário e histórico<sup>1</sup> e por Ortiz (2000, p.137) como um *território geográfico investido de sentido*, não se define meramente pelas fronteiras geográficas, mas, sobretudo, pelas psicológicas e ideológicas. Assim, a identidade nacional é uma *comunidade imaginada* (ANDERSON, 1983).

<sup>1</sup> Consideramos aqui a definição de Marc Augé, isto é, local de existência, residência e trabalho, que é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa (AUGÉ, 1995, p. 51).

A desterritorialização, por sua vez, faz que com que o indivíduo passe por uma crise que Robins (1991) define como um conflito entre a "Tradição" e a "Tradução", ou seja, uma tensão dialética entre a manutenção da herança cultural e a aceitação de que há que negociar com novas culturas sem ser assimilado por elas, ou seja, mantendo em parte os vínculos com o lugar de origem e suas tradições. As identidades assim surgidas são de natureza híbrida, transcultural.

Este artigo visa à análise dos contos "Hell-Heaven", "Sra. Sen" e "Terra descansada", de Jhumpa Lahiri, a fim de compreender como o processo de fragmentação e construção de novas identidades dos imigrantes indianos nos Estados Unidos é representado pela autora.

A escolha da obra de Jhumpa Lahiri para esta análise se justifica pela projeção de suas obras no panorama de literatura contemporânea. A escritora alcançou projeção internacional através de três livros, **O intérprete de males**, **Terra descansada** e **O xará**; os dois primeiros são coletâneas de contos, e o terceiro, seu primeiro romance. **O Intérprete de males** recebeu o prêmio Pulitzer em 2000, elevando a autora à categoria de um dos nomes mais significativos na literatura indiana em língua inglesa.

Jhumpa Lahiri faz parte da chamada geração pós-Rushdie de literatura indiana, um seleto grupo de escritores indianos que optaram por fazer literatura indiana em língua inglesa e que, graças a seus talentos, alcançaram tamanho sucesso de público e crítica que se tornaram indispensáveis para as discussões atuais sobre literatura contemporânea internacional (COHEN, 2010, p.81).

Ao decidir deixar a pátria e adotar outro país como lar, enquanto buscam melhores oportunidades nas carreiras ou a construção das mesmas, os personagens de Lahiri mostram, através de suas experiências, as dificuldades que enfrentam os imigrantes indianos para manter as tradições culturais, bem como a sua tentativa de adaptação à vida na nova pátria.

De certo modo, Lahiri assume as características do escritor migrante definido por Salman Rushdie em *Imaginary homelands*, uma vez que, a cada página, seus livros oferecem um vislumbre das dificuldades enfrentadas por imigrantes que, sob a pressão de culturas diversas, buscam definir-se identitariamente no país de adoção. Seus personagens são geralmente indianos ou descendentes de imigrantes indianos em um processo de crise de identidade, incapazes de lidar com um profundo sentimento de inadequação social. (CARREIRA, 2012, p. 81)

É nesse contexto da existência em uma "terra não familiar"<sup>2</sup> que os personagens de Lahiri se movem e desenvolvem o que Stuart Hall denomina "identidades cambiantes" (1994, p.13).

Neste artigo a questão da configuração identitária será analisada à luz dos Estudos Culturais, em especial, dos textos de Stuart Hall (1994) acerca da identidade na modernidade tardia.

## 16 MIGRAÇÃO VOLUNTÁRIA E RUPTURA

<sup>2</sup> A expressão *Unaccustomed earth* tanto pode ser compreendida como "terra descansada" ou como "terra não familiar".

Digno de nota na obra de Lahiri é o fato de que os personagens, membros da primeira geração de imigrantes, aparentemente, têm a mesma motivação para deixar a Índia: a busca por melhores oportunidades através da especialização acadêmica; caso dos personagens Pranab e Shyamal, no conto *Hell-Heavenö*, do Sr. Sen, no conto *Sra. Senö*, e do pai de Ruma, no conto *Terra descansadaö*. A questão se mostra tão importante que é possível notar um padrão de exigência elevado por parte dos membros da primeira geração, associando a carreira acadêmica à identidade pessoal, como forma de medir o valor do indivíduo.

Em *Terra descansadaö*, Ruma, a protagonista, é filha de indianos, casada com um americano e completamente avessa à manutenção da tradição. Quando jovem, seus pais depositavam nela a expectativa de todo imigrante que se desloca da terra natal por razões econômicas: ser bem-sucedida. O peso dessa responsabilidade pode ser percebido nos sentimentos de Ruma em relação ao pai.

Sabia que o havia decepcionado ao ser rejeitada por todas as universidades da Ivy League às quais se candidatara. Apesar da vida itinerante e incerta de Romi, sabia que o pai o respeitava mais por ter se formado em Princeton e recebido uma bolsa da Fullbright para ir ao exterior. (LAHIRI, 2009, p.50 )

Mais tarde, o fato de ela abandonar uma carreira promissora como advogada para apenas cuidar da casa, do filho Akash e do outro bebê que espera causa preocupação ao seu pai. Sem que perceba, Ruma reproduz a dependência que tanto criticara na própria mãe em sua juventude.

Havia manhãs em que desejava simplesmente se vestir e sair pela porta, como Adam. Não entendia como a mãe conseguira fazer aquilo. Quando estava crescendo, o exemplo da mãe ó mudar-se para um lugar desconhecido por causa do casamento, passar a vida cuidando dos filhos e da casa ó lhe servira de alerta, um caminho a ser evitado. Mas agora a vida de Ruma era essa. (LAHIRI, 2009, p.21)

Outro traço relevante a ser observado na obra de Lahiri é o fato dos imigrantes retratados gozarem de boa situação financeira. Todos parecem ser bem sucedidos em suas carreiras. O Sr. Sen, do conto *Sra. Senö*, é retratado como um professor universitário. O pai de Ruma, do conto *Terra descansadaö*, é doutor em bioquímica. Já no conto *Inferno-Céuö*, Shyamal, o pai de Usha, é retratado como pesquisador num grande hospital, e Pranab como estudante de um curso de especialização em engenharia no famoso Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). E ainda que se possa dizer que as iniciativas dos personagens imigrantes tenham alcançado êxito, o fato de terem se proposto migrar para atingir uma posição social de destaque é algo significativo, a ponto de merecer uma análise mais atenta.

De certa forma, o sonho americano parece causar na Índia contemporânea o impacto que, no passado, foi causado pela Inglaterra, durante o período de colonização, quando a educação ideal, aos olhos dos indianos, era aquela proporcionada no circuito Oxbridge<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> O termo se refere à excelência das universidades de Oxford e Cambridge.

Há que pensar sobre dois pontos importantes relativos à desterritorialização: a mudança na identidade individual e o movimento de migração para uma terra não familiar.

É preciso compreender, em primeiro lugar, que, numa sociedade tradicional como a indiana, a identidade individual está intimamente ligada à tradição. Logo, a migração, de imediato, acarreta uma ruptura que, de alguma forma, implica mudança na identidade individual, promovendo o distanciamento da tradição, ou mesmo a negação, ainda que parcial, dos elementos que configuram a identidade nacional e o sentido de pertencimento. Stuart Hall interpreta esse movimento como algo natural nos processos de descentramento: «[...] as velhas identidades, que por tanto estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado (Hall, 1994, p.7)».

Ao analisar os imigrantes da primeira geração retratados por Lahiri, é possível verificar que todos experimentaram a crise identitária e, a partir dela, traçaram um caminho que os conduziu em direção ao futuro possível em uma terra estrangeira, distanciando-se, ao mesmo tempo, do seu referencial identitário. Para Hall, a crise não é exclusiva dos migrantes, exilados e expatriados, mas de natureza mais ampla:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um sentido de si estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento é descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos é constitui uma crise de identidade para o indivíduo. (HALL, 1998)

Ao tratar dos deslocamentos humanos, Hall, muitas vezes, a eles se reporta como diáspora. É preciso entender que o termo se distanciou muito do seu sentido original, conforme menciona Cohen:

A noção de "diáspora", utilizada pela primeira vez no mundo clássico, adquiriu uma importância renovada no final do século. Uma vez que o termo passou a ser aplicado principalmente para os judeus e, menos comumente para os gregos, armênios e os africanos. Agora, pelo menos, trinta grupos étnicos declaram que são uma diáspora, ou são considerados assim, por outras pessoas. Por que estas proclamações repentinas? Assustados com a extensão da migração internacional e sua incapacidade de construir uma ordem social, pluralista e estável, muitos Estados têm se afastado da idéia de assimilação ou integração de suas minorias étnicas. (COHEN, 2007, p. 507)<sup>4</sup>

<sup>4</sup>In fact, the term "diaspora" is found in the Greek translation of the Bible and originally meant 'to sow widely'. For the Greeks, the expression was used to describe the colonization of Asia Minor and the

Essa mudança de significado, que altera também a relação do indivíduo com a própria ideia de nação e pertencimento, dá ao migrante a possibilidade de recriar o conceito de *ōserō*, uma vez que *ōquem ele éō* é uma noção intimamente ligada ao lugar de onde veio e a que pertence, mas não só no sentido físico. Assim, nos processos migratórios, há que optar por ater-se à cultura natal, abandoná-la por completo ou mesclá-la aos elementos culturais do país de adoção. Dias compara a transformação das identidades a uma metamorfose:

A cultura é um conjunto de significados/significantes que através das tradições desvia-se para uma nova forma de situar-se, produzir-se, no sentido mais amplo, num processo de metamorfose em que novos conceitos, compreensões e caminhos nos permitem o surgimento de novos sujeitos. Esse processo de metamorfose nos permite refletir sobre o caminho que percorremos perante nossas tradições e, se esse caminho está sendo codificado a partir das intervenções do cotidiano, pois o *ōfazerō* pressupõe reconstruir-se a partir de debates advindos da contestação da tradição e a nova forma de pensar contemporaneamente a cultura. (DIAS, 2011, p. 152)

## 2.6 TRADIÇÃO E SAUDADES *ōLÁ DE CASAō*

Observando a forma como Lahiri narra a trajetória de seus personagens, é possível identificar os momentos em que as mudanças nas referências identitárias ocorrem. A relação dos migrantes da primeira geração com a mudança de pátria é construída através de vários fragmentos, resultantes das quebras com a tradição.

No conto *ōInferno-Céuō*, é importante observar a maneira como os personagens Shyamal e Pranab reagem quanto à questão do casamento, uma vez que essa é a condição para que ambos possam viajar para os Estados Unidos.

Shyamal casa-se com Aparna, mas o casamento constitui para ele um tipo de passe para a vida que sonhara, como pesquisador em uma universidade americana.

Casara-se com minha mãe para fazer a vontade dos pais; eles estavam dispostos a aceitar sua deserção contanto que ele tivesse uma esposa. Ele era casado com o trabalho, com a pesquisa, e vivia em uma concha que nem minha mãe nem eu éramos capazes de penetrar. (LAHIRI, 2009, p. 81)

Pranab, embora não leve a promessa a cabo, assume o compromisso de retornar depois de formado para casar com a moça escolhida por seus pais.

Então a mulher dele entrou na linha, pediu para falar com minha mãe e atacou-a como se as duas fossem íntimas, culpando minha mãe por deixar o envolvimento se aprofundar. Disse que já haviam escolhido uma esposa para ele em Calcutá, que ele partira para os Estados Unidos com a promessa de voltar, depois que terminasse os estudos, para se casar com essa moça. (LAHIRI, 2009, p. 88)

---

Mediterranean in the Archaic period (800-600 BC). Although there was some displacement of the ancient Greeks to Asia Minor as a result of poverty, overpopulation and interstate war, "diaspora" essentially had a positive connotation. Expansion through plunder, military conquest, colonization and migration were the predominant features of the Greek diaspora.

Em "Terra descansada", conto que dá título ao livro as lacunas na relação de Ruma com o pai revelam uma ruptura com a tradição em muitos aspectos. Mas, ainda que certos hábitos culturais tenham sido abandonados, é possível perceber na protagonista um sentimento de culpa pela não manutenção da tradição, já que, na Índia, cabe à filha cuidar dos pais quando estes envelhecem.

Ela sabia que o pai não precisava de ninguém para cuidar dele, e, no entanto, era justamente este fato que a fazia se sentir culpada; na Índia teria sido impensável ele não se mudar para a casa dela. O pai nunca havia mencionado essa possibilidade, e depois da morte da mãe o arranjo não era viável; seu antigo apartamento era pequeno demais. Mas em Seattle havia quartos de sobra, quartos vazios e sem uso. (LAHIRI, 2009, p.17)

Não conseguia se imaginar cuidando do pai como a mãe havia feito, servindo-lhe as refeições que a mãe costumava preparar. No entanto, não lhe oferecer um lugar em sua casa a fazia se sentir ainda pior. (LAHIRI, 2009, p.17)

É possível notar que, apesar da ruptura com a herança cultural, os membros da primeira geração de imigrantes mantêm um desejo de retornar à casa, desejo este alimentado pela saudade e pela necessidade que sentem de estar conectados com seu lugar de origem, ainda que por pouco tempo, e apesar de todas as dificuldades. Isso pode ser percebido nos sentimentos do pai de Ruma, que contrastam visivelmente com o modo de pensar dos filhos:

Como quer que corresse, essas viagens à Índia eram sempre épicas, e ele ainda se lembrava da ansiedade que lhe provocavam, de ter tantas malas e levá-las todas para o aeroporto, de manter os documentos em ordem e transportar a família em segurança por tantos milhares de quilômetros. Mas a mulher vivia para aquelas viagens e, até seus pais morrerem, ele também vivia para elas. Assim, continuavam viajando, apesar da despesa, apesar da tristeza e da vergonha que ele sentia sempre que voltava a Calcutá, apesar do fato de que, quanto mais os filhos cresciam, menos eles queriam ir. (LAHIRI, 2009, p.19)

Em "A casa da sra. Sen", conto do livro **Intérprete de males**, o sentimento de saudade do lugar de origem, e o de não adequação à pátria de adoção estão claros nos diálogos e atitudes da personagem que dá nome ao conto. As diferenças entre a cultura indiana e a americana parecem ganhar uma dimensão ainda maior, uma vez que cada fala da Sra. Sen faz uma comparação entre as culturas, ainda que inconscientemente. O que pode ser percebido numa conversa com a mãe de Eliot, sobre o fato de a indiana saber ou não dirigir.

—É, sim, estou aprendendo, disse a sra. Sen. —Mas eu demoro a aprender. Lá na nossa, a senhora sabe, temos um motorista. —  
—Vocês têm chofer? —  
A sra. Sen olhou para o marido, que fez que sim com a cabeça.  
A mãe de Eliot imitou-lhe o gesto, olhando a sua volta. —Isso lá na... Índia? —

“É”, respondeu a sra. Sen. Aparentemente, ao ouvir a palavra alguma coisa dentro dela soltou-se. Ela endireitou a borda do sári na altura do peito. Em seguida, olhou a sua volta, também, como se visse nos abajures, no bule, nas marcas do aspirador de pó no carpete, alguma coisa que os outros não enxergavam. “Está tudo lá.” (LAHIRI, 2001, p. 132-133)

Na narrativa de Lahiri é possível observar a forma similar que as personagens Sen, do conto “Sra. Sem”, e Aparna, do conto “Inferno-Céu”, têm de lidar com a saudade que sentem de casa. Ambas buscam nas músicas e gravações, reproduzidas em toca-fitas, se reconectar com a Índia que deixaram a milhares de quilômetros de distancia, quando foram obrigadas a mudar para os Estados Unidos, por causa de seus respectivos casamentos.

Em poucas semanas, Pranab Kaku já havia trazido seu toca-fitas para o nosso apartamento, e tocava para minha mãe medleys e mais medleys de canções dos filmes em hindi de sua juventude. Eram canções alegres e românticas, que transportavam minha mãe de volta para o mundo que ela deixara ao se casar com meu pai. (LAHIRI, 2009, p. 80)

Um dia tocou uma fita, uma música que, explicou, era um raga; lembrava um pouco uma pessoa tocando pizzicato no violino, primeiro bem devagar, depois bem depressa, e a sra. Sem disse que era para ser ouvida apenas no final da tarde, quando o sol estava se pondo. A música demorou quase uma hora, e ela escutou-a sentada no sofá de olhos fechados. Depois comentou: “É ainda mais triste que o seu Beethoven, não é?”. Num outro dia, tocou uma fita com vozes de pessoas falando na sua e contou a Eliot que era um presente de despedida dado por sua família. (LAHIRI, 2001, p. 148-149)

Na narrativa de Lahiri, o sentimento de solidão, por vezes, assola os personagens. Este sentimento causado pela incapacidade de manter o equilíbrio entre a necessidade de se adequar a vida numa sociedade cuja cultura é, em alguns momentos, completamente oposta àquela de onde eles vêm, e a vontade de se manter fiel à tradição. É possível perceber esse sentimento nas reclamações da personagem Sen, do conto sra. Sen, para o menino Eliot, quando o marido se recusa a levá-la a peixaria.

Ela abriu as gavetas da cômoda e a porta do armário, onde havia sáris de todas as texturas e tons imagináveis, com brocados de ouro e prata. [...] “Quando foi que já usei este? E este? E este?” Retirava os sáris das gavetas e os jogava um por um; depois tirou vários dos cabides. Eles formaram uma pilha sobre a cama, que parecia estar cheia de cobertas amarfanhadas. Um cheiro forte de naftalina encheu o quarto. (LAHIRI, 2001, p. 145)

“Mande fotos”, eles pedem. “Mande fotos de sua nova vida.” “Mas que foto eu posso mandar?” Exaurida, sentou-se na beira da cama, onde agora mal havia lugar para ela. “Eles acham que eu vivo como uma rainha, Eliot.” Olhou à sua volta, para as paredes vazias do quarto. “Acham que aperto um botão e a casa fica limpa. Acham que moro num palácio.” (LAHIRI, 2001, p. 146)

Na visão da personagem Usha, narradora de *ÕInferno-Céuö*, é possível perceber que o mesmo sentimento de solidão é vivenciado por sua mãe, Aparna, que teve na filha sua única companhia durante muitos anos. A incapacidade de Aparna de se adequar à vida na nova pátria, bem como a vontade de se manter presa às tradições, parece condená-la ao isolamento, tanto por parte do marido quanto da filha.

Comecei a sentir pena da minha mãe; quanto mais velha eu ficava, mais via como sua vida era deprimente. Ela nunca havia trabalhado e passava o dia assistindo novelas para fazer o tempo passar. Seu único trabalho era limpar e cozinhar para meu pai e para mim. Raramente íamos a restaurantes [...]. (LAHIRI, 2009, p. 93)

Quando minha mãe reclamava com ele sobre o quanto odiava a vida no subúrbio e o quanto se sentia sozinha, ele não dizia nada para tranqüilizá-la. ÕSe está tão infeliz, volte para Calcutáö, sugeria ele, deixando bem claro que a separação não iria afetá-lo de nenhum modo. (LAHIRI, 2009, p. 93)

Stuart Hall, no seu ensaio *ÕPensando a Diásporaö* (2003), afirma que abordar a diáspora através de uma percepção binária da diferença, isto é, enfatizando a oposição entre Ocidente e Oriente, é compreendê-la de forma fechada e limitada. No entanto, Jhumpa Lahiri o faz não apenas para exemplificar e delimitar os espaços culturais, mas para demonstrar a complexa interação entre eles. No conto *ÕA Sra. Senö*, a mãe do menino Eliot ó que é norte-americana ó constitui um contraste absoluto à indiana Sen, fato que é percebido pelo menino Eliot:

Trajava um sári branco reluzente com um estampado alaranjado, mais adequado para um jantar do que para aquela tarde tranquila e garoenta de agosto. Os lábios eram recobertos de um tom complementar de coral, e o batom havia ultrapassado um pouco os limites da boca. Era a sua mãe, porém ó pensava Eliot - , com aquela bermuda bege e aqueles sapatos de sola de corda, que parecia estranha. Seu cabelo curto, cuja cor era semelhante à da bermuda, parecia liso e austero demais, e naquela sala em que tudo estava cuidadosamente coberto, suas pernas depiladas pareciam muito expostas. (LAHIRI, 2001, p. 132)

### **3 ó A RECONSTRUÇÃO DO EU E IDENTIDADE HÍBRIDA**

Depois de passar pelo processo de ruptura com a tradição e da fragmentação da sua identidade individual, o imigrante entra em um novo momento, o da reconstrução do *õeuö*. Para compreender como se dá esse processo é interessante conhecer as concepções de identidade sugeridas por Hall (1994). Se no passado, a percepção da identidade evoluiu do sujeito centrado e unificado do Iluminismo, para o sujeito sociológico, em constante negociação com o mundo exterior em que habita, e, posteriormente, para o sujeito pós-moderno, cuja identidade é uma *õcelebração móvelö*, sempre cambiante, a experiência transcultural não poderia gerar nada diferente de uma identidade híbrida.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-

resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais ôlá foraô e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ãnecessidadesô objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático [...] O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de seu ãeuô coerente. (HALL, 1994, pp. 11-12)

A forma como são representados os imigrantes na obra de Lahiri nos permite perceber a que pressões eles são expostos durante o processo de mudança de pátria e de negociação entre adoção de outros costumes e a manutenção da sua própria cultura, enquanto buscam melhores oportunidades de futuro para si e para a família. E essa negociação acaba por distanciá-los de suas raízes e os leva a assimilar os hábitos culturais da pátria adotiva, tornando-os cidadãos que não pertencem apenas a um, mas vários ãmundosô.

## CONCLUSÃO

Observando todas as experiências pelas quais passam os personagens de Lahiri, podemos refletir sobre as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes indianos que vão para os Estados Unidos, e perceber que apesar de compartilharem as mesmas origens e referências culturais, os imigrantes e seus descendentes saem da negociação cultural entre suas pátrias, anterior e atual, com resultados muito distintos.

No conto ãTerra descansadaô, o pai de Ruma é representado como alguém que não vive mais preso a muitas das tradições de sua origem, que assimilou em muitos pontos a cultura da América, buscando a liberdade de não se sentir preso a nada ou a ninguém, empolgado com a ideia de viver um romance com a indiana que conheceu durante suas viagens. Já Ruma, que conforme crescia mais se distanciava dos costumes tradicionais indianos, parece querer fazer o caminho inverso, pois no fim se ressentiu por ter perdido essa conexão com sua origem. Talvez porque com a morte da mãe, e pelo comportamento do pai, sua ligação com as raízes ancestrais da Índia tenha se desfeito e ela não se veja capaz de recuperá-las, sendo incapaz de transmiti-las tanto aos filhos.

Em ãInferno-Céuô, as relações dos personagens com a pátria adotiva são bem diferentes. Pranab, que veio buscando especializar-se academicamente e com a promessa de voltar para a Índia, abandona os costumes tradicionais e se deixa assimilar pela cultura americana ao casar-se com estrangeira, ignorando completamente a vontade dos pais. Usha, a filha de Shyamal e Aparna, não aceita ser vista como uma indiana, alguém diferente dos outros jovens com quem convive. Ela se define como uma americana, ainda que não renegue suas origens, ela não permite que seus laços com a Índia funcionem como amarras que a prendam a uma tradição da qual não faz parte. Já Aparna, que viveu sempre apegada às tradições, se permite fazer essa negociação cultural quando alcança uma maior maturidade, depois da filha se tornar uma adulta e deixar de morar com ela e o marido. Essa mediação pode ser entendida na decisão de abandonar a vida de isolamento e sem objetivos e dedicar-se aos estudos.

Já em Sra. Sen, a protagonista parece simbolizar a não adequação do imigrante à terra de adoção. Sua recusa em dirigir pode talvez ser entendida como uma recusa em aceitar a vida na América e todas as diferenças que esta guarda em relação à Índia. Já o marido, coloca-se na posição de negociação e assimilação dos hábitos necessários à adaptação à nova pátria, mantendo o foco em progredir na carreira acadêmica.

Assim, parece que o resultado da negociação entre culturas durante o processo de migração é, na maioria dos casos, aquele pelo qual o escritor indiano Salman Rushdie define a si mesmo, um cidadão do mundo, traduzido que não pertence mais a um único lugar, mas a todos; um cidadão cosmopolita.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARREIRA, Shirley de S. G. A representação da identidade em Hell-Heaven. **Soletras**, Rio de Janeiro, n.23, pp. 81-92, 2012.

\_\_\_\_\_. A representação do outro em tempos de pós-colonialismo: uma poética de descolonização literária. **Revista do Instituto de Humanidades**, Duque de Caxias, v.2, n.6, julho-setembro de 2003.

COHEN, Gustavo V. Da intérprete de enfermidades às terras não familiares: a ficção de Jhumpa Lahiri. **Lumen Et Virtus**, v.1, n.2, maio de 2010.

COHEN, Robin. Diasporas and the Nation-State: From Victims to Challenges. **ó International Affairs**, Vol. 72, N° 3, Ethnicity and International Relations, julho de 1996, pp.507-520.

DIAS, Alfrancio Ferreira. Dos estudos culturais ao novo conceito de identidade. **Fórum identidades**, Itabaina, Gepiade, Ano 5, Volume 9, Jan-jun de 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 1998.

\_\_\_\_\_. Pensando a diáspora. In: \_\_\_\_\_. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

LAHIRI, Jhumpa. **Terra descansada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **Intérprete de males**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ORTIZ, Renato. **O próximo e o distante** ó Japão e modernidade/mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000.

## THE FRAGMENTATION OF THE SELF AND THE CONSTRUCTION OF NEW IDENTITIES IN SHORT STORIES BY JHUMPA LAHIRI

### ABSTRACT

This article aims to analyze the short stories "Hell-Heaven", "Mrs. Sen "and "Unaccustomed Earth" by Jhumpa Lahiri, in order to understand how the process of fragmentation and construction of new identities of Indian immigrants is represented. The question of the identity configuration will be analyzed in the light of Cultural Studies, in particular of the writings of Stuart Hall.

**KEYWORDS:** Identity, Tradition, Translation, immigration